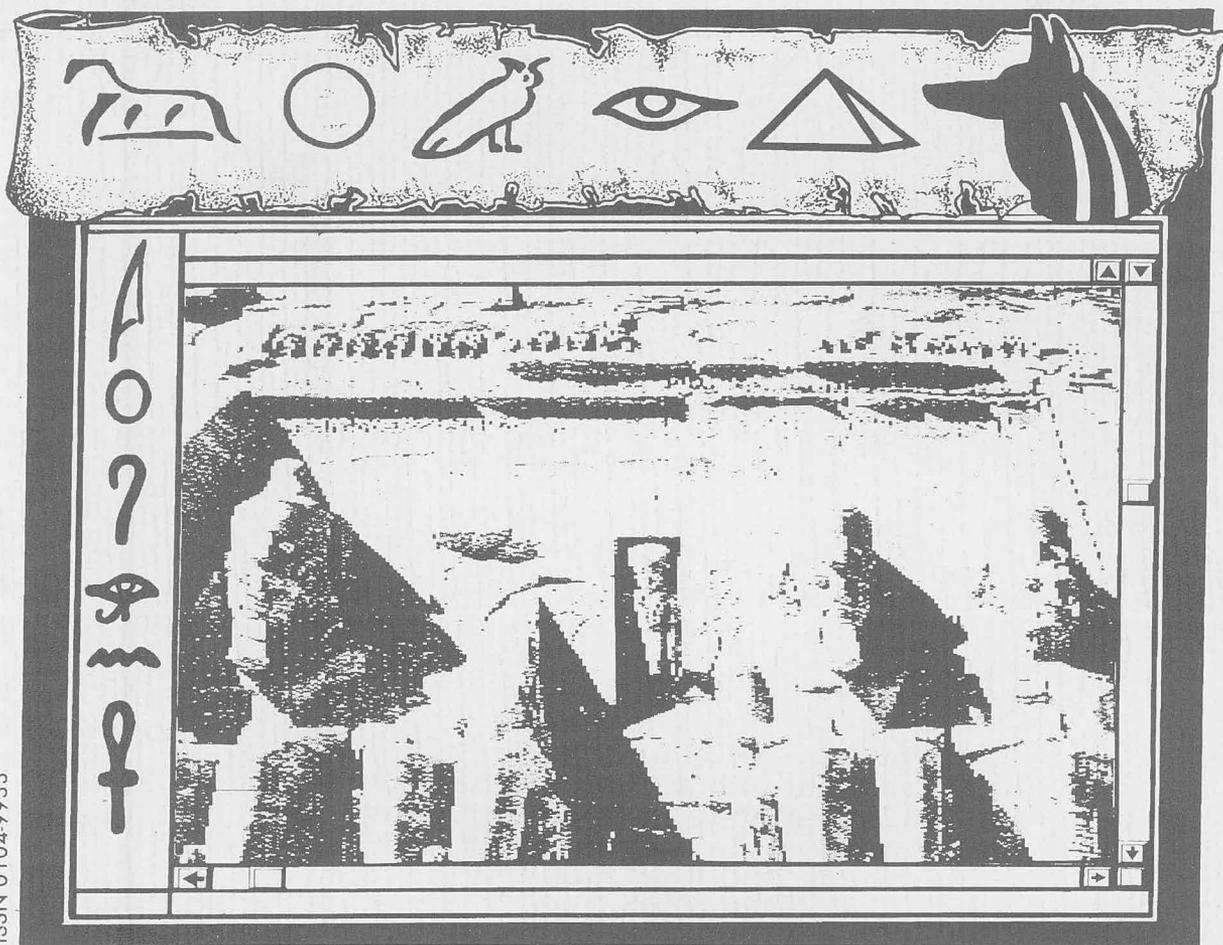


LOGOS

COMUNICAÇÃO & UNIVERSIDADE



ISSN 0104-9933

TRANSDISCIPLINARIDADE



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

3

Editorial

Transdisciplinar(izando)...

Resgatando um Elo Civilizacional: o Egito como acrópole de uma cultura transdisciplinar e expressão artística

SUMÁRIO

Artigos

- A Informação Fotográfica na Produção de Augusto Malta 04
Ricardo de Hollanda
- Cibernética e Sociedade numa Abordagem Holística 07
Manoel Marcondes Machado Neto
- A Atualidade do Pensamento de Alvin Toffler e Marshall McLuhan: ondas globais como extensões do homem 11
Angela de Faria Vieira
- É Possível Falar em Imagem de Marca de País? 16
José Henrique de Carvalho
- João do Rio e a Pobreza na Cidade: uma leitura de *A Alma Encantadora das Ruas* 19
Denise da Costa Oliveira

Comunicações

- Fac-símile do Ato Executivo de Decisão Administrativa (AE-031/Reitoria/95) de 15/08/95
Cria o Programa de Memória em Comunicação/Revista LOGOS..... 22

Intercâmbio

- Um Comunicador/Educador Sob Medida: o profissional da cultura 23
Nelly de Camargo
- Políticas de Comunicação da Igreja: rumo ao ano 2000 29
Ismar de Oliveira Soares
- Educar em Nosso Tempo: o desafio pós-moderno e a pedagogia da ação comunicativa 34
Marco Silva
- Ética Existencial em Jean-Paul Sartre: o homem e a moral da liberdade 38
Cléa Gois e Silva

Iniciação Científica

- Conhecimento, Cultura e (Pós) Modernidade: a contribuição da iniciação científica
para os bacharelados de comunicação social 40
Angela de Faria Vieira e Denise da Costa Oliveira
- Van Gogh: um pintor operário no berço da civilização 43
Cathérine Vieira

Sala de Aula

- Um Revisitar Metodológico das Humanidades da *Ratio Studiorum*:
a arte da expressão para uma pedagogia transdisciplinar 45
Angela de Faria Vieira
- Ensino em Turismo 48
Sarah Bacal

Espaço do Ex-Aluno da FCS/UERJ

- História em Quadrinhos e Sociedade: uma estreita relação 50
Marcelo Zikan

Editorial

"O século XXI será holístico, ou não será"

(Carta de Brasília, março/87 In CREMA, R. p.15)

A crise das cosmovisões construídas por uma racionalidade cartesiano-newtoniana é indicadora da urgência da análise de novos paradigmas para o enfrentamento da crise global que atinge a humanidade.

A difusão de uma concepção *holoepistemológica*, como sustenta a psicóloga francesa Monique Thoening desde os anos 80, cresce rapidamente e indica a importância do entrelaçamento entre ciência e consciência a fim de reintegrar conhecimento e ação humana.

É o físico Basarab Nicolescu quem lidera a abordagem da transdisciplinaridade, num empenho de revisitar a visão integrada dos pré-socráticos. E tal perspectiva unitiva identifica o encontro histórico da ciência com a filosofia, com a arte e com a tradição (espiritual).

Pensadores notáveis alardeiam a holística (do grego, *holos*, totalidade) encorajando a derrubada de compartimentações em benefício de uma nova ciência da cognição com vivência transpessoal, encontramos: *Roberto Crema, Pierre Weil, Fritjof Capra, José Ângelo Gaiarsa, Carl Rogers, Viktor Frankl, Michel Rando, Ubiratan D'Ambrósio, Krishnamurti, Roger Garundy, Jean-Yves Leloup, Alvin Toffler, Hilton Japiassu, R. Iagore, Teilhard de Chardin, Sri Aurobindo, Abraham Maslow, C. Jung, Lama Govinda, R. Buckminster Fuller, Sthephane Supasco, Joseph Pearse, Carlos Castañeda, Magohah Murayama, Angelus Silesius, Stanley Krippner, Brian Swimme, Jean Charon, Szent-Gyorgyi, Lancelot Whyte, Prigogine, Arthur Koestler, Murayma, Lao-Tsé*, entre outros. Cada um dos intelectuais enumerados pontuou no decorrer da sua trajetória reflexiva a questão crucial da evolução da consciência humana num mundo de *transitoriedades*.

Assim indicando, a idéia de **transdisciplinaridade** se constrói no encontro da ciência com a tradição, edificando *"...um sistema de aprender o aprender, que sustenta o florescente movimento holístico mundial"* (CREMA, R.).

Eis o **tema dorsal** do presente número da Logos, que, organizada com temáticas diversas apresenta-se com um viés de conexão das diversificadas representações retóricas.

"Trans"... para além do disciplinar num campo de intercessões e conexões plurais: a socialidade no espaço acadêmico, a globalização, a mundialização, o devir contemporâneo, a proximidade e a solidariedade no "mundus"; o simbólico-antropológico; o etnológico e o sagrado; o mitológico e o imaginário; a territorialização semiológica; o cotidiano, o familiar e/ou grupal; o geográfico, o espacial, o urbano e as qualidades (ou atributos) de um enraizamento social; a idéia de harmonia social num "socius" do conflito, plural e dinâmico; as estruturas ou bases da vida comunal na organicidade ritualística; a cosmogonia; "a geometria do espírito", "o novo espírito científico", o trágico, o determinismo, a metafísica; a moral, o cinismo, o teatral, as metáforas poéticas, retóricas, mundanas; a imagem, as expressões, o verbo; deísmo, afeto, paixão... o jogo das regras, da codificação, das evocações; o tempo... **a dimensão das representações**, eis por onde vamos transitar com densidade cognitiva e memória histórica. ■

Transdisciplinar(izando)...

Revisitando um elo civilizacional: o Egito como acrópole de uma cultura transdisciplinar e marco de tradição artística

“Não olhar de alto para baixo príncipes e funcionários e não confraternizá-los. Mostrar parcialidade é sacrilégio; este é o princípio: comporta-te do mesmo modo com quem conheces e com quem nunca viste; assim progredirás no teu cargo. Não te irrites injustamente contra ninguém; deixa que te temam, porque a autoridade só é tal para quem teme, mas só porque se sabe que tu fazes justiça”

(Ao sábio vizir PTAHOTEP, Ministro da Justiça, Pilar dos Dois Países. Trecho de um texto de cerimônia de Posse, indicando o que um rei esperava de um grande Coordenador. Dinastia V. In MELLA, Federico A. Arborio. O EGITO DOS FARAÓS: História, Civilização e Cultura. SP, Hemus, 1981. p.92)

Exploradores de todos os tempos: estudiosos, pesquisadores, docentes interessados diversos, de campos diferentes do saber convergem o seu “olhar” para as sociedades antigas rastreando experiências seculares de cultura, de vida humana.

Ao visitar o Egito antigo, por exemplo, é possível perceber o empenho ou o desejo do homem de aprofundar o seu conhecimento sobre os fundamentos da sua realidade histórica, cultural, comunicacional, enquanto existência ou ente crítico criativo, num esforço, talvez, de repensar a perspectiva da sua condição como pessoa num conjunto de iguais, entendido como a Humanidade.

As evidências arqueológicas de uma complexa civilização com mais de 3000 anos de história, aponta uma longa caminhada humana, em cuja longevidade cultural impressionante, encontra-se, em grande parte, o fascínio contemporâneo explicitado em incursões documentais e intelectuais de excelência científica, inclusive.

Examinando um quadro comparativo das civilizações: Persa - Egípcia - Mesopotâmia - Cretense - Micênia - Grega, o que avulta, de imediato, aos olhos (hodiernos) é a capacidade do homem de **manifestar a sua criação**: seja como sistema societário, num modo de vida organizado (com seus mitos, atavismos, religiosidade e sistemas sócio-econômico-políticos para a sobrevivência do grupo), seja como **expressão lúdica** da percepção ou apropriação da realidade a qual pertencia; encontramos, então: a arte ou a pré-arte primitiva em grafismos, relevos, pinturas, objetos de adorno ou decoração, estelas comemorativas de eventos, cártulas com inscrições, papiros, sinetes, mosaicos, cerâmicas, e em tudo é possível identificar uma **mensagem** acerca da vida, da morte, do culto além túmulo (a vida eterna), enfim, a cultura de então, cujo **repertório** milenar (ou secular, como já fora dito) se consubstancia numa **imagem** (pode-se dizer: altamente ritualística) **original**, inusitada, provavelmente, única, para a produção daquela época.

O EGITO fora uma dádiva do Nilo. Expressão quase tão antiga quanto a civilização. Mas há quem a considere, mais precisamente, como “*uma civilização do Nilo*”, distinguindo-a das costumeiras classificações ou tipologias de sociedades conhecidas. Tal enfoque valoriza, sobremaneira, a cultura egípcia como vanguardista, pioneira, de uma rica e complexa cultura, que a História não teria conseguido reeditar ou superar no transcurso do registro do mundo conhecido.

É inegável o talento, a maestria, o potencial heurístico e transdisciplinar das representações daquela antiga acrópole de mistério, magia, simbolismo psíquico, de espetacular tecnologia da engenharia e da agricultura, de arte e erudição que tanto desafiam arqueólogos, e que na sua totalidade, firma-se como um marco de clarividência humana (em tão remoto período) e de inigualável expressão artística.

“*As sábias intuições dos velhos YISHIS da Índia, os Hierofantes dos Mistérios do Antigo Egito e de Elêusis, na Grécia Antiga, a profunda e paradoxal sabedoria taoísta da Velha China e também os mestres Zen do Budismo, os Sufis do Islamismo, os Profetas do Judaísmo, os Hescastes do Cristianismo, os Yogues do Hinduísmo, enfim, todos... anteviram e apontaram para esse... Universo holístico, agora penetrado pela Física dos confins do átomo.*” (CREMA, Roberto, 1988, p.53)

As civilizações que nos antecederam demarcaram no espaço da vida social, imagens ou expressões do talento de um *homem integral* que habitava a história e criava cultura com arte; sendo a manifestação artística uma síntese concreta do “holos” humano num desdobramento ou prolongamento da articulação criativa dos sentidos e habilidades do próprio homem.

O mundo contemporâneo ao revisitar os seus *fundamentos civilizacionais* reencontra-se com a totalidade da sua existência num confronto com a *experiência* dos seus ancestrais, esquecida no cenário das realidades virtuais pós-modernas. Suscitar ou evocar o imaginário coletivo de uma era histórica é recontextualizar *a vida*, rastreando referenciais *sagrados* do mistério de existir.

Editores